

**338 - AGRICULTURA, EDUCAÇÃO E MEIO AMBIENTE NO  
AMAZONAS –A ARTE DE PENSAR E ARTICULAR A  
SUSTENTABILIDADE DA VIDA.**

**Jesus, Edilza Laray de\*\* ; Jesus, Cláudio Portilho de\***

**RESUMO**

Este trabalho tem o propósito de refletir acerca da relação sociedade e natureza no contexto da agricultura amazônica, tendo como ponto de partida as contradições provocadas pelo modelo capitalista de desenvolvimento implementado no Amazonas que tem como características a exclusão social, o empobrecimento e mesmo a exaustão dos recursos naturais. Para entender o processo que movimenta esta relação, se fez necessário realizar uma análise conjuntural incorporando ao debate o estado de crise vivenciado pela sociedade contemporânea e as potencialidades desta crise, que apontam para a sustentabilidade da vida.

**PALAVRAS CHAVES: Educação, meio ambiente, cidadania, sustentabilidade, agricultura familiar.**

**INTRODUÇÃO**

Com as profundas mudanças ocorridas na sociedade nas últimas décadas, um clima de incerteza impulsiona maior conhecimento da realidade com o propósito de entendê-la. Paira no ar a preocupação com a intensidade, a complexidade e a velocidade das mudanças e suas conseqüências. As constantes intervenções proporcionadas pela agricultura tradicional sobre os recursos naturais da Amazônia demanda a articulação e o diálogo dos saberes tradicionais dos agricultores familiares tendo em vista o resgate de práticas sustentáveis sob todos os aspectos. Neste mar de incertezas, há apenas uma certeza: um novo modelo de desenvolvimento carece da contribuição de conhecimentos diversos. E o espaço amazônico, por ser aberto e em formação, apresenta-se contraditório, antagônico e complexo.

---

\*\* Geógrafa, Mestre em Educação Ambiental, Doutoranda em Agricultura Familiar no Trópico Úmido – ênfase na Agricultura Familiar Amazonense (INPA). Professora do Centro de Ensino Superior UNINILTON LINS e da Universidade do Estado do Amazonas, Manaus-AM. Endereço: Rua Mutum, 222, Q. R. Conjunto Atilio Andreazza, Japiim II, CEP 69077-710, Manaus-AM. Fones: (092) 615-4786 e 9989-1122, e-mail: [laray@horizon.com.br](mailto:laray@horizon.com.br) [ejesus@uea.edu.br](mailto:ejesus@uea.edu.br).

Filósofo, Especialista em Educação, Mestre em Desenvolvimento Social, Doutorando em Agricultura Familiar no Trópico Úmido – ênfase na Agricultura Familiar Amazonense (INPA). Professor do Centro de Ensino Superior UNINILTON LINS, Manaus-AM.

A Amazônia é universo de águas, plantas, peixes, frutas e pessoas de diferentes formações, que compõem o sistema integrado e relacionado da vida. Neste espaço, as contradições do sistema econômico se refletem na pobreza material e política, na opressão e na exclusão de milhares de pessoas de seus direitos. O modelo agrícola aqui implantado iniciou-se com a chegada dos grandes projetos nos anos 60 para abrir estradas financiadas pelo capital estrangeiro, criando ainda estrutura adequada à instalação e permanência do grande capital. Tal modelo tem demonstrado plena relação de domínio e poder sobre as pessoas e a natureza.

É nesse contexto de crise e a busca do deslocamento do lucro para a vida que a Educação Ambiental assume, desde a recomendação de Tbilisi, em 1977, o papel central da reversão do processo destruidor, através da conscientização de populações viabilizando uma (nova) possibilidade de convivência entre os agricultores familiares e destes com a natureza, pautados por critérios éticos no exercício pleno da cidadania. Desse modo, passamos a entender que a questão ambiental é também uma questão de cidadania.

Por meio dos estudos, pode-se compreender melhor tanto o local em que moramos quanto o país do qual fazemos parte, pois estes constituem o espaço das relações sobre o qual vivemos num constante processo de construção e reconstrução. O espaço das relações abrange elementos como a terra, o solo, a água, os meios de produção, a cultura, a política, a educação, a economia etc. A esse conjunto de elementos que se apresentam com características próprias e se inter-relacionam continuamente denominamos de Meio Ambiente.

Considerando que nossa missão como educadores implica na formação de cidadãos e cidadãs, cumprimos nosso papel quando educamos para a cidadania, concebida como o próprio direito à vida plena. Para Maria de Lourdes Covre (in GUIMARÃES 2000, p. 22) "... Trata-se de um direito que precisa ser construído coletivamente, não só em termos de atendimento às necessidades básicas, mas de acesso a todos os níveis de existência, incluindo o mais abrangente, o papel do(s) homem(s) no Universo". Percebemos então uma relação direta entre educação, meio ambiente, agricultura e cidadania. A exemplo dos trabalhos desenvolvidos pela Embrapa Meio Ambiente e o CEVAE – Centro de Vivência Ecológica, em Minas Gerais, pretende-se desenvolver um processo educativo junto aos moradores das comunidades do Lago do Acajatuba, margem esquerda do Rio Negro, município de Manaus, utilizando como etapas a sensibilização dos grupos comunitários, elaboração de diagnóstico participativo, planejamento participativo e

desenvolvimento de experiências sustentáveis. A metodologia socioconstrutivista fundamentada na *práxis* “ver-julgar-agir” associada à gestão ambiental provocará atitudes de ação e reflexão e uma nova percepção ambiental pautada na cidadania individual e comunitária, apontando para a agroecologia.

Desse modo, a educação ambiental tem papel importante no resgate e/ou promoção da cidadania. Daí ser a educação um ato de coragem e de aposta no outro ser, que se enriquece na experiência e se desenvolve a partir de dimensões importantes, tais como a aquisição do conhecimento, preparação para o exercício da cidadania, sensibilidade ecológica, construção e vivência da ética solidária. Tais dimensões convergem para o desenvolvimento de habilidades que possam viabilizar a leitura da realidade local, nacional e planetária, no sentido de intervirmos nela de modo a tornar a vida mais bela, num espaço mais humano.

No entanto, na atual conjuntura social, diminui a crença de que o conhecimento, a ciência e a tecnologia solucionem por si só os grandes e graves problemas sociais, econômicos, políticos e ecológicos. Esta mesma preocupação é compartilhada por Leonardi (2001, 205) quando relaciona a questão ambiental à questão global: “A questão ambiental na sociedade global é política, econômica, social, cultural, tecnológica e científica [...] e encontramos degradação e poluição ambiental, produzidas tanto pela expansão da pobreza, quanto pela acumulação da riqueza”.

Mas como relacionar esta discussão, que no primeiro momento parece ser só ambiental, com os conteúdos das diversas áreas do conhecimento? Esse desafio foi citado por Edgard Morin (2000) ao ressaltar que o conhecimento do mundo como mundo é uma necessidade ao mesmo tempo intelectual e vital. E essa tarefa é específica dos educadores atuais. O autor observa que o problema universal de todo cidadão no novo milênio é: como ter acesso às informações sobre o mundo e como ter a possibilidade de articulá-las e organizá-las. Como perceber e conceber o Contexto, o Global (a relação todo/partes), o Multidimensional, o Complexo?. Para ter sentido, a palavra necessita do texto, que é o seu contexto, e o texto necessita do contexto no qual se enuncia. (MORIN, 2000).

Como bem observou Carvalho, “o desafio posto para a EA no Brasil é o de mergulhar na trama das relações sociedade e meio ambiente, contribuindo para a construção de novos entendimentos e práticas democráticas, que possam reforçar a luta contra a exclusão e ao mesmo tempo questionar o atual estilo de vida”.(2000, p. 47).

## CONCLUSÃO

Pode-se acenar que caminho das transformações por que passa a sociedade e as comunidades agrícolas na Amazônia, passa necessariamente pela construção de um modelo que nasça a partir das mudanças nas relações sociais, familiares e comunitárias; que ressalte e traduza a ótica da classe explorada, dominada, com seus valores e crenças, pois ela é a única interessada na mudança, que demanda coragem para fazê-la. A opção pela mudança é urgente e necessária, pois a Amazônia é o lugar onde se revela a urgência de um desenvolvimento alternativo para toda a humanidade, como assinala (BOFF, 1995).

É necessário defender a educação como parte integrante e fundamental da vida. Nas considerações tecidas por Brandão (2000), a educação não muda o mundo, a educação muda pessoas. Pessoas mudam os seus mundos. O caminho a ser percorrido pelo entrelaçamento da educação, ambiente, natureza e sociedade, tem demonstrado, potencialidade de transformação social, além do crescimento gradativo de pessoas interessadas no debate que envolve os destinos da terra e o futuro das espécies.

## REFERÊNCIAS

- BOFF, Leonardo. *Ecologia: grito da terra, grito dos pobres*. São Paulo: Ática, 1995.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Ousar utopias: da educação cidadã à educação que a pessoa cidadã cria. In AZEVEDO, José Clóvis de et. all. *Utopia e Democracia na educação cidadã*. Porto Alegre: Editora Universidade/ UFRGS/ Secretaria Municipal de Educação, 2000, p. 449-462.
- CARVALHO, Isabel. É possível fazer EA num país com fome? In WWF Brasil e ECOPRESS. *Educação Ambiental: seis anos de experiências e debates*. São Paulo, c2000. p. 45-49.
- GUIMARÃES, Mauro. *Educação Ambiental*. Duque de Caxias: UNIGRANARIO editora, 2000.
- LEONARDI, Maria Lúcia Azevedo. A sociedade global e a questão ambiental. In CAVALCANTI, Covis (org.). *Desenvolvimento e Natureza: estudos para uma sociedade sustentável*. 3.ed. São Paulo: Cortez; Recife, PE: Fundação Joaquim Nabuco, 2001, p. 195-207.
- MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 2 ed – São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.